

O último Cisne de Tchaikovsky

Hoje parece que vai ser um mau dia. Hoje estou lúcida. Hoje posso ver a paisagem da janela do meu quarto. Ouço o som dos pássaros e não as vozes do meu pensamento. Consigo ver as árvores a abanar ao som do vento, como se dançassem entre folhas e ramos. Mas estamos no Inverno. Há mais ramos que folhas e essas vão caindo...como eu.

Fico aqui, horas, sentada, de frente para esta janela fria, sem afeto, sem uma cortina para puxar. Fico aqui, com uma manta sobre as pernas. Neste cadeirão de tecido verde, a olhar lá para fora. Esperando que alguém se lembre de mim e me venha visitar.

Por isso, este é um mau dia, porque estou lúcida. Lembro-me dos outros com saudade, mas sinto que não sou lembrada. Estou assim, presa à minha condição de velha, doente e arrumada.

Colocaram-me aqui. Disseram que era o melhor para mim. Que ia ter todo o apoio necessário. Já o amor...ah! Esse deixei-o em casa, nas minhas roupas, nos meus livros, nos meus discos...comigo trouxe apenas o que mandaram...todas as minhas memórias ficaram lá. Mas a minha doença ainda não conseguiu abrir a gaveta da saudade. A chave dela está guardada comigo...

- Bom dia D.Marta! Como se sente hoje? Vamos lá tomar a medicação. Já vi que hoje se portou bem... Tomou o pequeno-almoço todo. Muito bem.

Mais uma dose de comprimidos para me manter afastada do mundo. Assim não crio problemas. Não falo das minhas dores, das minhas memórias, da minha saudade.

Hoje não engoli os comprimidos. Escondi-os no canto da boca. Não os tomarei. Sinto que o fim está próximo e eu quero viver estes últimos momentos, como sempre gostei de viver a minha vida. Com cor, com movimento, com música.

Fui bailarina durante anos. Em 1960, fui a primeira bailarina de ballet em Nova Iorque. Percorri as maiores salas de espetáculo, derrubei muros e barreiras para mostrar a minha arte de brincar e voar na ponta dos meus pés. Meu Deus, como eu era livre! Esboço um sorriso de felicidade. Parece que consigo ouvir de novo o barulho do público.

Acredito que a sala esteja cheia, mas não consigo ver. A luz que está posicionada no palco não me deixa ver o público que está a assistir. Nunca consigo ver as mais prestigiadas damas da sociedade, nos seus vestidos longos e majestosos de veludo e seus casacos de pele. Ostentam as suas melhores joias de diamantes...por vezes emprestadas, coitadas!

Sinto o cheiro dos charutos. Homens há de certeza, com os seus fraques. Vêm ao ballet não como espetáculo, mas como a possibilidade de verem um belo par de pernas nas pontas de uns sapatos de bailarina.... tão limitados na sua condição de homens.

O último Cisne de Tchaikovsky

Estou só à espera que a luz se esbata, que haja silêncio na sala...

Olho à volta e ainda não tenho nenhuma outra bailarina comigo em palco. Desço das minhas pontas. Espreito atrás da cortina. Está escuro. Não está ninguém. Nenhum som do frenesim e dos risos controlados, pela disciplina do nosso corpo.

De repente, o silêncio também na sala. Três batidas discretas no soalho do plateau...

Coloco-me novamente em pontas, esperando o som da música. Fecho os olhos, respiro fundo, preparo-me para ser feliz.

A cortina corre, a música singela de Tchaikovsky começa e eu voo... Cada movimento é delicado. Cada gesto imprime a dor da saudade, da beleza de cada passo. O silêncio da minha memória e do meu corpo.

Não consigo mais! Desço das minhas pontas. A luz desce e não há público. Afinal foi só um flash.

Deito-me para trás, nesta poltrona velha, exausta. Já não consigo dançar, já não sou coordenada. Fecho os olhos, quem me dera que fosse para sempre! Por momentos peguei no sono... Ao longe ouvi uma voz doce a chamar o meu nome. Abri os olhos e vi o Tiago, o meu bisneto.

- Olá avó! - sorriu para mim - Sabes quem sou? - abanei que sim com a cabeça. - Então, quem sou?

- O Tiago... Aquele safado que me partiu umas quantas molduras para dançar na sala.

- Avó... - respondeu emocionado - hoje conheceste-me!

- Só me lembro das boas coisas da vida...

Senti novamente o calor de um abraço! Dos meus quatro netos, o Tiago era o meu preferido. Fui eu que o ensinei a dançar. Hoje será um dos melhores bailarinos do seu tempo. Começou de uma forma desastrada, mas tem uma postura e uma disciplina de movimentos que parece que foi um anjo enviado por Deus... E é o único que ainda me visita.

- Cheguei ontem de Nova Iorque, avó! Trouxe-te um presente.

Deu-me um pequeno embrulho que eu não consegui abrir. Ele ajudou-me a rasgar o papel. Era uma linda caixa de música antiga. Cintilante. Uma bailarina de porcelana aguardava para dançar...e de repente, outro flash...

O Tiago puxou a corda da caixa. A bailarina dançou uma música para crianças dormirem e embalou-me também...

Quando acordei, o Tiago já não estava comigo. No reflexo do vidro da janela, reparei que tinha mais um ornamento em mim.

O último Cisne de Tchaikovsky

- Ah...este rapaz! – sorrio, tímida.

Eu estava com uma écharpe de penas brancas muito delicada. Parecia mesmo uma nuvem doce. A caixa da bailarina ainda estava nas minhas mãos, no meu colo.

Puxei a corda mais uma vez. A música parecia diferente, mas familiar. Sim, sim...era a música da minha última performance como bailarina. Ouvia o *Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky.

Consegui puxar os meus velhos sapatos de cetim, que estavam pousados em cima da cómoda. Consegui a muito custo calça-los e, se calhar, fruto de uma força de vontade quase que espiritual levantei-me...torta, desengonçada, sem perfil.

Desta vez, dancei Tchaikovsky com as pontas levantadas. Não tenho equilíbrio, mas tenho uma enorme saudade de dançar. E fi-lo como se fosse a última coisa a ser feita. Não serei mais a prima bailarina de outros tempos, mas a música está aqui dentro do meu peito. A custo, consigo voltar sozinha para a velha poltrona. Sento-me com os sapatos de pontas calçados. Arranjo a manta nas pernas e componho a écharpe no meu pescoço. As minhas mãos frias e trémulas puxam a corda da caixa mais uma vez.

Olho o dia lá fora. Como de repente ele se tornou triste! Está a chover. Correm gotículas vidro abaixo, como as lágrimas que correm pelo meu rosto.

A bailarina, na caixa, movimenta-se delicadamente com o seu braço ligeiramente arqueado. Parece-me fazer uma vénia, como aquela que fiz tantas vezes para me despedir do meu público. Fiz-lhe uma vénia também...

Retirei-me do palco. Apagaram-me a luz. Parti com a saudade do que fui...

Obs: Saudade é uma palavra sem tradução para nenhuma língua a não ser português. Saudade rima com fado. Saudade é um sentimento que advém do amor. Só sente saudade quem conhece realmente o que é o amor.

Conto adaptado, em memória de Marta Gonzalez, 1ª bailarina no ballet de NY, em 1960, falecida no ano passado com a doença de Alzheimer.

[Carminho Blanco - 8.º ano]